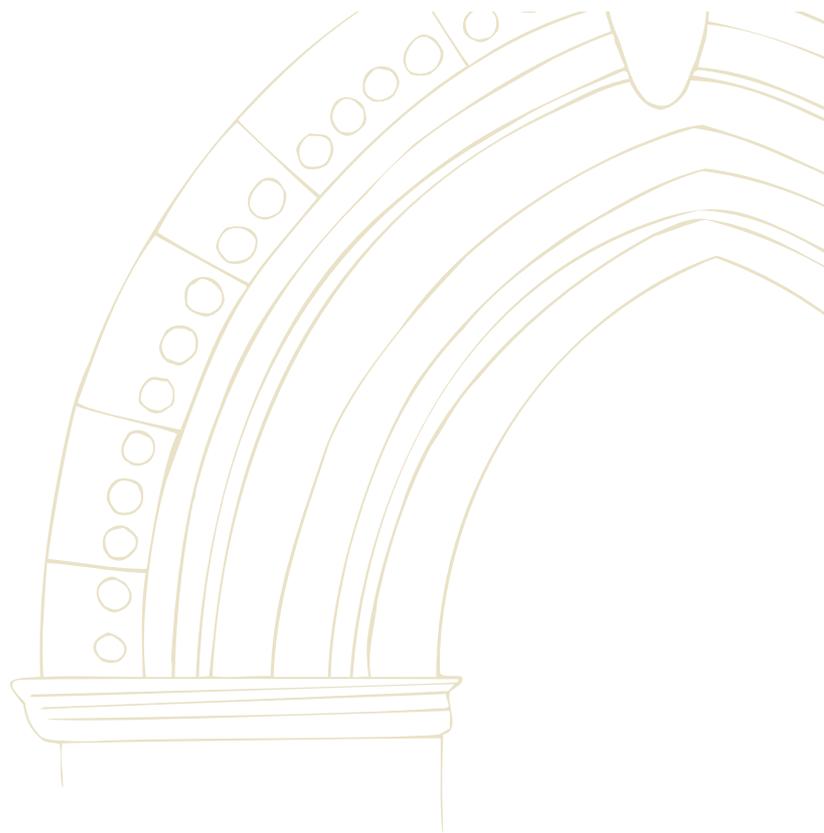




ermida

ERMIDA DA NOSSA SENHORA DO VALE



A Ermida da Nossa Senhora do Vale situa-se na freguesia de Cête, no concelho de Paredes. Está implantada numa encosta voltada a nascente, sobranceira ao vale, entre a Ribeira de Baltar e uma outra ribeira que desagua no rio Sousa. A sua localização, onde corre a ribeira em vale aberto e plano, hoje ocupado pelas culturas arvenses e pela vinha, deverá relacionar-se com a evocação de Nossa Senhora do Vale, mostrando o quanto esta Ermida está ligada aos interesses agrícolas da população da região.

177

A motivação da construção de pequenas ermidas está habitualmente associada, não somente à prática da vida eremítica mas, e mais nuclearmente à devoção e aos itinerários de santidade. Localizadas em locais ermos implantam-se com frequência nos limites das paróquias como pólos devocionais das populações circundantes.



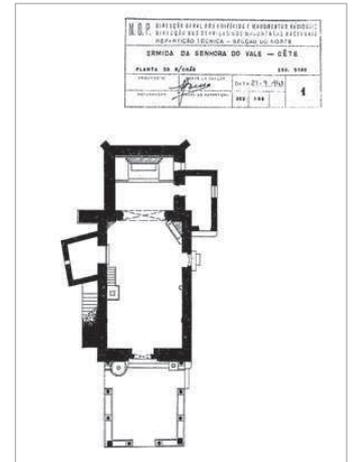
1. A construção da Ermida da Nossa Senhora do Vale, implantada numa encosta, deve ser enquadrada nos interesses agrícolas da população do vale.

A planta da Ermida está orientada no sentido nascente-poente sendo composta por nave rectangular e cabeceira quadrangular, ligadas pelo arco triunfal. A cobertura da nave é feita com madeira enquanto a da cabeceira, presentemente também de madeira, foi inicialmente de pedra com abóbada de cruzaria de ogivas, cujas nervuras apoiavam-se em mísulas de recorte manuelino. Exteriormente, os contrafortes nos ângulos atestam um modo de construir próprio dos finais do século XV e do primeiro quartel do século XVI, bem como a planimetria quadrangular que esta cabeceira apresenta. O vão que dá acesso à sacristia apresenta uma moldura igualmente datável da época manuelina.

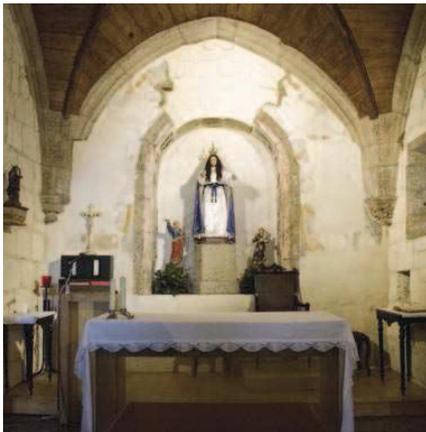
O alpendre que se encosta à fachada principal é de uma época posterior, embora a presença de mísulas num nível superior da mesma fachada indique a existência de um alpendre mais antigo. A presença do púlpito no exterior da capela, deve ser relacionada com os actos litúrgicos da romaria, já que a grande afluência de fiéis obrigava à celebração ao ar livre. Tanto o alpendre como o púlpito, no exterior, são comuns a este tipo de capelas devocionais.

Armando de Mattos já notou as afinidades entre a Ermida e a igreja do Mosteiro de São Pedro de Cête, no que respeita às pedras de armas e à própria arquitectura. A pedra de armas, que se encontra hoje na parede norte da cabeceira, tem a mesma simbologia heráldica dos escudos de armas presentes naquele mosteiro, um na capela de São Nicolau, a capela funerária, e outro na primeira *pala* das armas da fachada principal. Assim sendo, o autor coloca a hipótese de ter sido o mesmo encomendador que ordenou as obras da época manuelina em São Pedro de Cête e a construção da cabeceira da Ermida da Nossa Senhora do Vale¹.

Segundo o mesmo autor, os portais principais dos dois templos acusam afinidades nas arquivoltas bem como nos arcos triunfais, considerando que a Ermida data da época de reconstrução gótica que fez a igreja do Mosteiro de Cête no século XIV, e dela sofreu influência, se é que não trabalharam nas duas edificações os mesmos artífices.



2. Planta da Ermida.

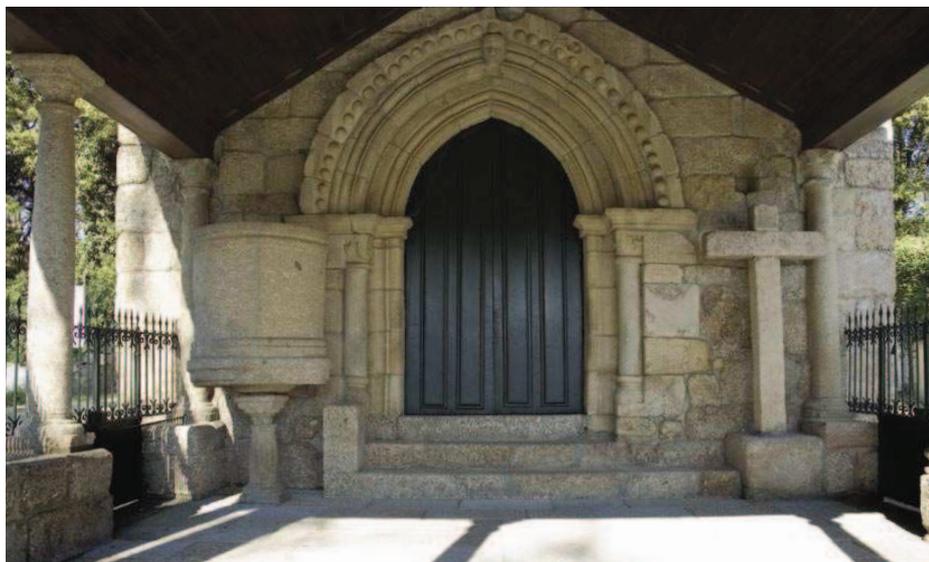


3. Cabeceira. As mísulas e o vão de recorte manuelino indiciam uma construção, ou reconstrução, datável do final do séc. XV ou do início do séc. XVI.



4. Cabeceira. Mísula.

1 MATTOS, Armando de - «A ermida românico-ogival da Senhora do Vale». In *Douro-Litoral*. 2ª Série, vol. VIII. Porto: Junta da Provincia do Douro-Litoral, 1947, pp. 42-51.



5. Alpendre ou gallié. A presença do púlpito no exterior está relacionada com os actos culturais próprios de uma romaria.

A construção desta Ermida poderá datar já dos inícios do século XVI, como indica a cabeceira, ou dos finais do século XV. O arranjo do portal e a escultura que apresenta mostram, no entanto, como a resistência dos motivos românicos se prolongou no tempo, sendo este um dos aspectos mais interessantes desta capela, no contexto da arquitectura religiosa do Vale do Sousa, embora este fenómeno seja comum a todo o Norte e Centro de Portugal.



6. Cabeceira. Os contrafortes dos ângulos são habituais em construções do final do séc. XV e do início do séc. XVI.

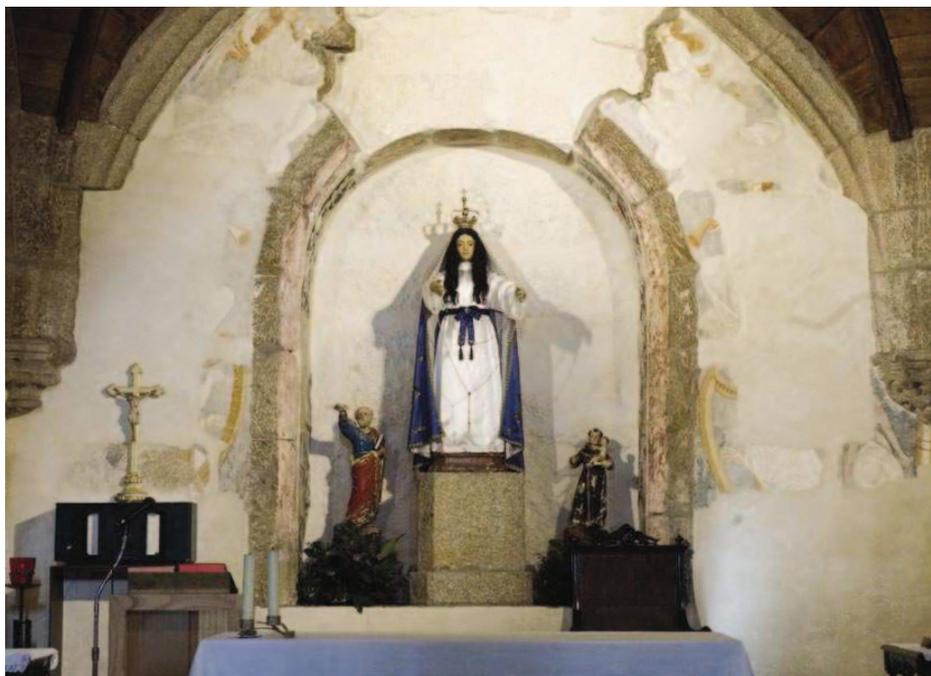
Na parede testeira da cabeceira subsistem, ainda que fragmentariamente, vestígios de pintura mural. Nesta parede conserva-se um nicho em arco de volta perfeita, que acolhe a imagem de *Nossa Senhora*. Originalmente, a pintura mural ladeava toda a área do nicho ambientando a imagem da padroeira.

São ainda visíveis as representações de anjos músicos, uns tocando harpas e outros tocando trompetas, que revelam grande qualidade plástica e a utilização das cores dourada, branca e azul.

Segundo um recente estudo de Luís Urbano Afonso «o autor desta intervenção soube servir-se da especificidade da estrutura arquitectónica para criar uma obra onde a ilusão de profundidade espacial era substancialmente aumentada, utilizando a diferença de planos para trabalhar os efeitos visuais da pintura mural»².

A pintura remanescente atesta a autoria de uma oficina de grande qualidade tanto pela bidimensionalidade da figuração como pelo desenho do rosto dos anjos que o autor acima referido aproxima com as figuras que o pintor Arnaus realizou na igreja de São Paio de Midões (Barcelos) datadas de 1535 e com os vestígios da representação de um anjo na parede sul (em arco entaipado) da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro (Felgueiras).

2 AFONSO, Luís Urbano de Oliveira – *A Pintura Mural Portuguesa entre o Gótico Internacional e o Fim do Renascimento: Formas, Significados, Funções. Corpora da Pintura Mural Portuguesa (c. 1400-c. 1550)*. Anexo A. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006, p. 211.



7. Cabeceira. Vestígios de pintura mural. Originalmente a pintura ladeava o nicho onde se encontra a imagem da padroeira. São visíveis as representações de anjos músicos.



8. Cabeceira. Pintura mural.



9. Cabeceira. Pintura mural.

A autoria deste programa poderá ser atribuída à oficina do pintor Arnaus, cuja actividade é conhecida nesta região, nomeadamente na Igreja de São Mamede de Vila Verde (Felgueiras), devendo a sua datação situar-se entre 1530 e 1540.

O pintor Arnaus será, segundo Luís Afonso, o mais interessante fresquista do Renascimento português, com obra conhecida, dominando efeitos plásticos de grande virtuosismo técnico³.

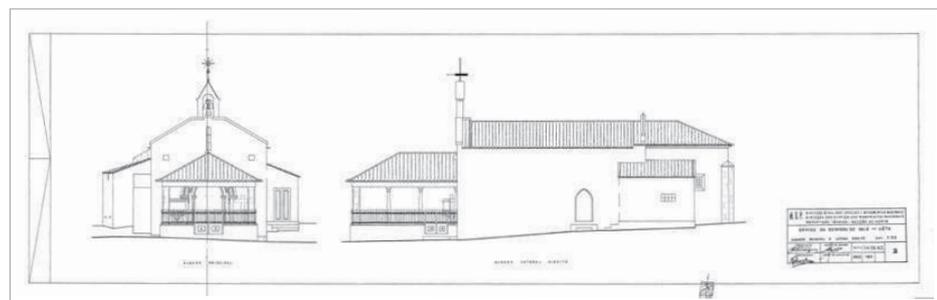
Devemos notar que, tal como acontece na Igreja de São Mamede de Vila Verde, a persistência de soluções à maneira românica, presentes também na arquitectura da Ermida da Nossa Senhora do Vale, não se acorda com a *modernidade* e a qualidade do programa pictórico, indiciando claramente o quanto a persistência das formas e a actualidade da pintura não são fenómenos contraditórios. A pintura mural que enquadrava e enfatizava a imagem de *Nossa Senhora*, glorificando-a, é um testemunho das poderosas motivações devocionais que impulsionaram a encomenda artística.

As festas e romarias mais populares, e onde encontramos as mais expressivas e notórias vivências de religiosidade popular, são celebradas, segundo C. A. Ferreira de Almeida, não em igrejas catedrais ou paroquiais mas sim, sistematicamente, em capelas, ermidas ou santuários. Ninguém melhor que este autor compreendeu e estudou estas práticas devocionais e a sua relação com o local de implantação de capelas e ermidas, pelo que optámos por transcrever o que registou sobre este riquíssimo tema.

«As razões pelas quais se preferem, para vivências religiosas de romaria e promessas, as ermidas às igrejas paroquiais têm de ser poderosas, e serão múltiplas e complexas. Não é certamente porque as capelas possam responder melhor a novas devoções porque, se não é fácil mudar o patrono de freguesia, não é difícil acrescentar um altar lateral na igreja paroquial, como a prática bem mostra.

Uma gama de razões diz respeito ao aspecto paisagístico do local eleito para implantação da capela, escolhido por ser ameno, por ser dominante ou por ser um espaço invulgar. Não é por acaso que nos sítios mais deslumbrantes, ou mais aprazíveis, encontramos sistematicamente ermidas»⁴.

Segundo o mesmo autor parece certo que esta posição marginal dos santuários ou ermidas, relativamente às paroquiais, os favorece. Aí são permitidas maiores liberdades de festa e de lúdico, por vezes até de erotismo e também de ritos sacros. O controle eclesiástico é muito menor do que nas paroquiais e o peregrino é quem faz quase todo o ritual da sua promessa, sem necessidade de sacerdote.



10. Alçados principal e lateral.

3 AFONSO, Luís Urbano de Oliveira – *A Pintura Mural Portuguesa entre o Gótico Internacional e o Fim do Renascimento: Formas, Significados, Funções. Corpora da Pintura Mural Portuguesa (c. 1400-c. 1550)*. Anexo A. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006, p. 178.

4 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – «Religiosidade Popular e Ermidas». *Studium Generale. Estudos Contemporâneos. Religiosidade Popular*. Nº 6. Porto, 1984, p. 78.

As capelas isoladas prestam-se muito melhor do que as paroquiais às vivências do peregrinar que é partir, fazer uma viagem, idealmente a pé para ter a sensação do encontro dum espaço sagrado e aí saudar o santo, dar as voltas à capela, entrar, rezar, tocar ou beijar a imagem e deixar a esmola⁵.

O culto a Nossa Senhora é um fenómeno que muito se expandiu a partir da Época Gótica, como demonstram as inúmeras imagens esculpidas e pintadas e a crescente quantidade de capelas e santuários marianos. As várias evocações de Nossa Senhora, como Nossa Senhora do Leite, Nossa Senhora da Saúde ou Nossa Senhora da Vitória tendem a substituir-se aos santos protectores do gado e do leite, como São Mamede, aos santos anti-pestíferos, como São Sebastião e São Roque e aos santos guerreiros e triunfantes, como São Jorge. É certo que estes santos continuaram a ser muito cultuados na Época Moderna mas não há dúvida que a devoção a Nossa Senhora tenderá a sobrepôr-se-lhes.

O culto mariano em crescendo desde o final da Idade Média, teve grande desenvolvimento em Portugal nos séculos XVI a XVIII e foi alvo preferencial da religiosidade popular, sendo frequentes as fundações de capelas e ermidas, públicas e particulares, com a invocação de Nossa Senhora nas mais diferentes prerrogativas, através das quais o povo encontrava amparo para as suas maleitas e desafios da sua vivência quotidiana, implorando-lhe protecção. Senhora da Saúde, Senhora dos Milagres, Senhora dos Navegantes, Senhora da Luz, Senhora do Leite ou Senhora dos Remédios são algumas dessas invocações. Este fenómeno é de tal forma significativo que no Norte de Portugal o culto a Maria sobrepõe-se ao dos santos.

Numa outra escala, esta corrente do sentimento religioso mariano moderno vai originar a construção de grandes centros de peregrinação por todo o país, com particular incidência no Norte de Portugal. É exemplo, na região de Braga, o Santuário de Nossa Senhora de Porto de Ave. Na região de Viana do Castelo, são exemplos os Santuários de Nossa Senhora da Agonia e de Nossa Senhora da Peneda, e em Ponte de Lima o Santuário de Nossa Senhora da Boa Morte. O conjunto de maior monumentalidade é sem dúvida o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego. De menor dimensão mas igualmente reflexo deste fenómeno nacional, integra-se nesta região o Santuário de Pedra Maria, no concelho de Felgueiras.

No contexto geográfico da unidade territorial que é a freguesia, os santuários e as ermidas assumem quase sempre uma situação periférica aos aglomerados urbanos, escapando mais ao apertado espartilho da militância vivida no seio da igreja paroquial. Se a sua localização em locais ermos e desabitados, como no cimo de montanhas, assume uma função de sacralização do espaço e de vigilância protecção da paróquia, é também verdade que os romeiros que se deslocavam de longe nos dias de festa para homenagear o seu santo curador, se sentiam mais livres na sua prática religiosa porque o controle eclesiástico era mais diluído, como já foi acima referido. Chegavam ao espaço do santuário, dirigiam-se ao altar do santo de quem receberam a benesse, pagavam o seu tributo e depois adensavam-se no terreiro dianteiro ao espaço, onde comiam as suas merendas em convívio com outros romeiros, para no fim do dia regressarem tranquilos e em paz ao seu quotidiano. Depois de cumprido o dever religioso, pela ritualização sacra, o sentimento lúdico afluía com mais espontaneidade e liberdade. E no mesmo espaço de sacralização as dimensões espirituais e lúdicas do homem barroco emergiam sem se confrontarem.

5 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – “Religiosidade Popular e Ermidas.” In *Studium Generale. Estudos Contemporâneos. Religiosidade Popular*. Nº 6. Porto, 1984, pp. 75-83.

11. Cabeceira. Pintura mural.



Esta relação íntima que se estabelece entre o santo curador e o devoto, aprofundada pela vivência do ritual da festa, serve para explicar a devoção que os emigrantes depositam no santo da sua terra. Quando os naturais de uma freguesia estavam emigrados no Brasil ou nas colónias africanas e se defrontavam com alguma dificuldade, dirigiam a oração para o patrono do santuário da sua paróquia, para onde haveriam de voltar, se não fosse por outro motivo pelo menos para liquidação e expiação da sua devoção. O santo transformava-se numa espécie de amuleto e de relíquia, e a relíquia tem que ser tocada para funcionar como talismã.

Por outro lado, o santuário ou a ermida são a casa do santo. Foi aí e não noutra local qualquer que o santo se revelou pela manifestação do inexplicável, do milagre. E é lá, naquele sítio concreto e não noutra qualquer, o local para onde o devoto distante dirige a sua prece. Há uma apropriação física do devoto do sítio para onde encaminha a sua súplica no momento de aflição. Tanto o clima como a paisagem são transportados na memória do viajante.

Por estas razões e como explica C. A. Ferreira de Almeida compreende-se «a relação radical do santo com a sua capela e seu local na crença popular. Foi aí que apareceu, é aí que mora, a fonte é sua, perto está a sua pegada, etc. Crença em milagres que mostram a vontade da imagem ser venerada aí – porque levada para a paróquia voltada de noite ou chorava – enriquecem a sacralidade do local e as suas significações, tornando o santo, para além de intercessor poderoso, num *genius loci*. As hierofanias transfiguram o lugar, onde se dão, em sagrado mas também o individualizam. A relação do local com a imagem, que aí apareceu ou aí se venera, é tão sentida e antropomorfiza-se tanto que ela se torna única e relíquia»⁶.

A Ermida da Nossa Senhora do Vale terá recebido uma galilé nos séculos XVI-XVII, para dar resposta à importância que esse culto recebeu das populações locais. A festa em honra da Nossa Senhora do Vale atraíaromeiros de várias paragens que aí se deslocavam para realizar os seus votos dirigidos ao poder da Virgem.

O milagre, omnipresente no imaginário religioso do homem, realizou-se várias vezes pela acção da Nossa Senhora do Vale. Os dois ex-votos do século XVIII, expostos no interior do edifício, na parede da nave do lado do Evangelho, assim o testemunham. O mais antigo, referente a um milagre acontecido em 1747, conta o episódio de um emigrante português no Brasil que terá sido salvo num sertão do Paraná pela interferência da Virgem do Vale, após horas de cerco por parte de um grupo de indígenas. Este ex-voto, pintado a óleo sobre madeira, apresenta uma composição bastante simples, notando-se alguma ingenuidade no desenho das formas representadas.

No centro do quadro, está retratada a personagem que foi alvo do milagre, encontrando-se a cavalo, segurando uma arma de fogo e rodeada por outras figuras, os indígenas, colocadas à esquerda e à direita da composição, estando elas armadas com arcos e flechas que disparam na sua direcção. A vítima do assalto está representada de perfil, orientada para o canto superior esquerdo da composição onde foi desenhada a imagem da Nossa Senhora do Vale, a qual está envolta em nuvens, sinal da manifestação do divino.

6 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – “Religiosidade Popular e Ermidas.” In *Studium Generale. Estudos Contemporâneos. Religiosidade Popular*. Nº 6. Porto, 1984, p. 79.



12. Fachada norte.



13. Interior da Ermida da Nossa Senhora do Vale.

Um outro ex-voto ali existente, datado de 1796, relata a tempestade que atormentou a embarcação onde seguia Custódio Coelho Ferraz Moreira, natural de Cête, quando se deslocava para o Brasil. Encontrando-se em apuros no alto mar recorre ao poder milagreiro da Nossa Senhora do Vale que o salva do naufrágio. À semelhança da *tábua de milagre* referida anteriormente, as formas representadas assumem alguma ingenuidade na maneira como foram pintadas, resumindo-se a cena aos elementos principais do episódio. Assim, é visível uma paisagem marítima, com o mar revolto e a atmosfera carregada, onde se encontra a embarcação naufragada, que ocupa praticamente a zona esquerda da composição, encontrando-se junto dela o náufrago a quem acudiu a Virgem do Vale que é representada, à direita da composição, num nível superior e envolta em nuvens.

Estas peças, à primeira vista de função memorativa, constituem sobretudo o reflexo do imaginário religioso individual, associada a uma atitude profundamente devota, que é dada a conhecer pela representação de uma experiência pessoal. Desse modo, o seu efeito repercute-se a um nível bastante alargado, pois para a comunidade certificam a eficácia da actuação protectora da Virgem. O ex-voto narrativo elege como local de exposição preferencial o santuário e ainda a ermida, ao contar um episódio através da utilização da imagem e de um pequeno texto indicativo (ver caixas com as transcrições das legendas) que refere os intervenientes (protector e miraculado), o acontecimento, o local, a data, entre outros dados. Assim, não é de estranhar que esta ermida detenha no conjunto do seu património artístico peças desta tipologia⁷.

Numa análise ao aspecto exterior do edifício, sobressai de imediato a galilé, de planta rectangular, acrescentada na Época Moderna, tendo sido construída encostada ao pano correspondente ao alçado principal do corpo da nave. Este espaço evidencia a função primaz do edifício durante aquele período, sendo um local de culto esporádico e de peregrinação em tempos de romaria. A sua planta é definida por dois robustos pilares de secção quadrangular, colocados nos ângulos avançados da estrutura, de modo a sustentar a carga maior da cobertura. Sobre os muretes que limitam a sua área, assentam ainda oito colunas toscanas, colocando-se três de cada lado e duas no alçado frontal. Do lado esquerdo do portal da ermida, já debaixo de telha, encontra-se um interessante púlpito circular em pedra, que indica o local de pregação nas festas em honra da padroeira, uma vez que, dado o elevado número deromeiros que aí se deslocava, as cerimónias religiosas teriam que ser realizadas ao ar livre. Do lado oposto está uma cruz em pedra que reforça a indicação de que aquele é um local sagrado.

Sobre o recheio patente no interior do edifício, originário do intervalo cronológico dos séculos XVI, XVII e XVIII, são várias as componentes artísticas que enriquecem o conjunto.

Na nave, do lado da Epístola, está um retábulo em talha, cuja policromia actual, em tons de cinzento, azul e dourado, é fruto de um repinte que terá ocultado o douramento original. A estrutura é constituída por duas partes principais, uma que consiste no aproveitamento do corpo de um retábulo maneirista e

⁷ Para aprofundar este tema existem alguns estudos que devem ser consultados, entre eles destacamos os seguintes: ARAUJO, Agostinho – «A pintura popular votiva no Século XVIII: algumas reflexões a partir da colecção de Matosinhos». In *Revista de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Nº 2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1979, pp. 27-41; CATÁLOGO – *Do Gesto à Memória: Ex-Votos*. Lisboa: IPM, 1998; SOALHEIRO, João – «Ex-Voto». In *Dicionário de História da Igreja em Portugal*. Vol.II. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, pp. 236-238.

outra que corresponde à mesa de altar, de gosto neoclássico, estando ambas as partes apostas sobre uma superfície apainelada rectangular. O corpo maneirista é composto por duas colunas de capitel compósito e fuste estriado, com o primeiro terço decorado, assentes sobre pedestais, que sustentam um entablamento de matriz clássica. A zona central da estrutura acolhe uma pintura, com a mesma altura das colunas, onde é representado *São Roque*. A decoração, presente na face dos pedestais, no primeiro terço do fuste das colunas e no friso do entablamento, é feita por elegantes motivos vegetalistas entre os quais aparecem pontualmente cabeças aladas de anjos e pequenos pássaros.

LEGENDA DO EX-VOTO DE LUÍS COELHO FURTADO

*"Mercê que fez Nossa Senhora do Valle a Luís Coellho Furtado, que vendose sercado de/
gentio nosertam do Paraná das sette horas da menha, athe as coatro da tarde
sem ter mais esperanças de/
deescapar com vida e chamando por Nossa Senhora do Valle [...] dente
mente, dezapareserão os gentios/
e para lenbrança desta mercê mandou fazer este milagre acontecido na hera
de 1747 annos".*

186

LEGENDA DO EX-VOTO DE CUSTÓDIO COELHO FERRAZ MOREIRA

*"Milagre que fez N. Snr^a do Valle a Custodio Coelho Ferraz Moreira, filho de
António Moreira, do lugar d'Alem da Freguezia de S. Pedro de Cette, que
pretendendo tansportar-se para as partes d'America e levantan/
do se de repente o Mar com braveza desmedida pela impetuosa furia
dos ventos, logo se despedaçou a Embarcação ficando elle e parte dos
companheiros flutuando sobre as ondas, sem amparo e auxilio algum mais/
que o Divino Até que finalmente, já quase sofucado sem espírito e sem alento
lembrandose exactamente n'hum brevíssimo intervalo do alto valor da Virgem
N.ª S.ª da sua freguezia, e implorando o seu patrocínio com/
vozes do coração logo sentio os misericordiosos effeitos da sua protecção,
vendo que as ondas lhe aproximavam hum fragmento do Mastro sobre o qual
andou a perder a vista desde as sete horas ate as dez da manhã que/
então foi achado e salvo pelo Piloto da Barra do Porto da Figueira [pouco
distante da qual succedeo o sobredito Naugrafio] sendo o ultimo do numero
daquelles Companheiros que tambem escaparão com vida/
Sucdeo este Milagre no ano de 1796 no dia [...] de Julho, e aqui se tabollificou
para lembrar eternamente a afluência dos Milagres com que a May de Deos
favorece aquelles que devotamente evocao o seu Patrocínio".*



14. Imagem da padroeira.

Em 1967 é colocada a grade do alpendre e o altar da capela-mor é então deslocado para o claustro do Mosteiro de Cête. Nos finais da década de 70 do século XX, são realizadas obras de reparação dos telhados, na sequência de um temporal, procedendo-se também ao restauro do interior da Ermida.

Durante esta campanha de obras, são demolidas a escada de acesso ao coro e a capela adossada à fachada norte. O templo recebe um altar proveniente da igreja paroquial de Gatão, tendo sido retirado o púlpito e substituído o lajeado. No ano de 1981 é removido o altar da capela-mor. Na década de 90 a autarquia realiza obras de beneficiação da área envolvente, procedendo também à limpeza e consolidação do cruzeiro, localizado no adro da ermida.

Entre 2004 e 2007 foram realizadas obras de conservação geral do imóvel, no âmbito do projecto da *Rota do Românico do Vale do Sousa*. [LR / MJMR / DGS / MB]

Cronologia

Séc. XV/XVI – Edificação original da Ermida;

Séc. XVI – Construção do alpendre;

1530 e 1540 – Programa de pintura mural;

Séc. XVII – Retábulo do lado da Epístola;

1979/80 – Reparações na cobertura; decapagem dos rebocos interiores e exteriores; limpezas de paramentos e juntas; demolição da escada exterior para o coro; demolição da capela encontrada na fachada norte e refechamento do vão interior que lhe dava acesso; colocação do altar proveniente de Gatão; retirado o púlpito; colocação do lajeado;

2004/2007 – Obras de conservação geral do edifício realizadas no âmbito do projecto da *Rota do Românico do Vale do Sousa*: coberturas, paramentos, vãos exteriores, tectos, pavimentos interiores e instalação eléctrica; conservação das pinturas murais e dos elementos decorativos.